

Associação Internacional de Lusitanistas

Avanços em  
Literatura e Cultura Portuguesas  
Da Idade Média ao século XIX

(Eds.)

Petar Pretov  
Pedro Quintino de Sousa  
Roberto López-Iglésias Samartim  
Elias J. Torres Feijó

AL

ATRÁS  
editora



AVANÇOS EM

Literatura e Cultura Portuguesas  
Da Idade Média ao Século XIX

*Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas.  
Da Idade Média ao Século XIX*

1ª edição: Abril 2012

Petar Pretov, Pedro Quintino de Sousa, Roberto López-Iglésias  
Samartim e Elias J. Torres Feijo (eds.)

Santiago de Compostela-Faro, 2012  
Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)  
Através Editora

Nº de páginas: 492  
Índice, páginas: 5-7

ISBN: 978-84-87305-55-9  
Depósito legal: C 593-2012

CDU: 82(09) Crítica literária. História da literatura.

© 2012 Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)  
[www.lusitanistasail.net](http://www.lusitanistasail.net)

© 2012 Através Editora  
[www.atraves-editora.com](http://www.atraves-editora.com)

Diagramação, impressão e capa:  
Sacauntos Cooperativa Gráfica - [www.sacauntos.com](http://www.sacauntos.com)

*Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.*

## ÍNDICE

NOTA DO PRESIDENTE	
DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS.....	9
NOTA EDITORIAL.....	11
UMA NOVA EDIÇÃO DAS CANTIGAS DE SANTA MARIA.....	13
Stephen Parkinson	
O SERMÃO DE ABRANTES, DE GIL VICENTE:	
UM EXEMPLO DE SERMÃO CARNAVALESCO?.....	31
Andrés José Pociña López	
QUE PRÁTICA TAM AVESSA DA REZAM:	
UM CHARIVARI CORTESÃO NO TEATRO DE GIL VICENTE.....	41
Márcio Ricardo Coelho Muniz	
O ALCANCE SIMBÓLICO DAS AVES NOS EMBLEMAS	
DE FREI JOÃO DOS PRAZERES.....	63
Filipa Medeiros Araújo	
A ATUALIZAÇÃO LEXICAL DE TEXTOS LITERÁRIOS CLÁSSICOS.....	89
José Maria Rodrigues Filho	
A “FRAUTA RUDA” E A “HORRÍSSONA BOMBARDA”:	
BARBÁRIE E CIVILIZAÇÃO N’OS LUSÍADAS.....	99
Pedro Madeira	
OSTENTAÇÃO DO OBSCURO: O POLIFEMO DE GÔNGORA	
E OS LOCA DIRA DE CORTE-REAL.....	119
Hélio J. S. Alves	
DOIS COMENTÁRIOS SETECENTISTAS SOBRE A OBRA POÉTICA DE	
FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.....	129
Thomas Earle	
DOM FRANCISCO MANUEL DE MELO. EPANÁFORA AMOROSA: UMA	
HISTÓRIA DE PAIXÃO & MORTE.....	145
Artur Henrique Ribeiro Gonçalves	

UM DRAMATURGO PORTUGUES NA CORTE ESPANHOLA: PROCEDIMENTOS DE REESCRITA DE MATOS FRAGOSO EM <i>EL SÁBIO EN SU RETIRO Y VILLANO EN SU RINCÓN</i> .....	163
María Rosa Álvarez Sellers	
JUSTICA PARA O JUDEU (CONSIDERAÇÕES SOBRE TEMAS E FORMAS RECORRENTES NA COMEDIOGRAFIA DE ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA).....	181
Renata Soares Junqueira	
A ARTE NO SAGRADO: MÚSICA E IMAGEM EM COIMBRA.....	199
Maria do Amparo Carvas Monteiro	
O MITO DA NOITE: CONFIGURAÇÕES DO NOCTURNO NO IMAGINÁRIO CULTURAL.....	221
Rosa Fina e Fernanda Santos	
CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA REFORMA DO TEATRO NACIONAL ...	231
Ana Clara Santos	
ANA PLÁCIDO, UMA ESCRITORA OITOCENTISTA EXEMPLAR.....	249
Cláudia Pazos Alonso	
A BALADA NO ROMANTISMO PORTUGUÊS.....	267
J. J. Dias Marques	
NOS PASSOS DAS JÁS. RE-INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO POPULAR.....	289
Maria de Lourdes Cidraes	
RETÓRICA DO EXÓTICO NA OBRA DE GOMES DE AMORIM.....	303
Marinete Luzia Francisca de Souza	
ZSIGMOND KEMÉNY: VIDA E SONHO. UM DESTACADO ROMANCE HÚNGARO DECIMONÓNICO SOBRE A VIDA DE CAMÕES.....	321
Pál Ferenc	
A ASCENSÃO DO ROMANCE EM PORTUGAL: ALGUNS APONTAMENTOS.....	333
Paulo Motta Oliveira	
FATAL DILEMA DE ABEL BOTELHO E A TEATRALIZAÇÃO DO CONFLITO INTERIOR DA PERSONAGEM.....	351
Anabela Morais Brás e e Cândido de Oliveira Martins	
PULSÕES E DIÁTESES NA OBRA DE ABEL BOTELHO.....	365
Mário Bruno	
O RAPTO DE GANIMEDES: SIGNO DA ESSÊNCIA DO BARÃO DE LAVOS.....	381
Simone Cristina Manso Escobar	

O BEM OU A LIBERDADE NO ÚLTIMO CICLO DE SONETOS DE ANTERO DE QUENTAL.....	399
Cristina Isabel Lucas Silva	
ANTHERO. POESIA. VISÃO MORAL DO MUNDO.....	421
Maria Eduarda Vassallo-McGeoch	
PERIÓDICOS E DESCOBERTAS: O EXEMPLO DE CESÁRIO VERDE.....	441
Mauro Nicola Póvoas	
CESÁRIO VERDE: SUBJETIVIDADE E CONSCIÊNCIA ESPACIOTEMPORAL (BREVE ESTUDO DO POEMA LONGO “NÓS”).....	449
Sônia Maria de Araújo Cintra	
A REDE FÉRREA ALENTEJANA REVISITADA (1845-1889).....	467
Hugo Silveira Pereira	
COMISSÃO CIENTÍFICA PARA O X CONGRESSO DA AIL.....	487



## **NOTA DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS**

A Associação Internacional de Lusitanistas quer oferecer ao público interessado um alargado conjunto de investigações que possam informar, em boa medida, do estado da arte na pesquisa em ciências humanas e sociais do âmbito da língua portuguesa. Os onze volumes que a AIL publica contam com mais de 250 estudiosas e estudiosos de mais de 100 Universidades e Centros de Investigação da Europa, Estados Unidos da América e o Brasil, prova da extraordinária vitalidade das nossas áreas.

Para este trabalho, foi imprescindível o labor de uma equipa de revisão científica, entre os quais, toda a Direção e o Conselho Directivo da AIL, de alta qualificação e especialidade nos diversos assuntos aqui focados, a quem agradecemos vivamente a sua incessante e rigorosa dedicação.

O X Congresso da AIL, celebrado na Universidade do Algarve, mediu neste processo como marco fundamental. Ele fica também como um fito na nossa vida associativa. Fique aqui o nosso muito obrigado para as entidades colaboradoras da AIL nesse evento. Esta nota toma a sua plena razão de ser como testemunho de sincero agradecimento a todo o grupo humano dessa universidade que o possibilitou e às pessoas que me acompanharam na Comissão Organizadora: Carmen Villarino Pardo, Cristina Robalo Cordeiro, Regina Zilberman e Petar Petrov. Quero, igualmente, estender esse agradecimento ao nosso novo Secretário Geral, Roberto López-Iglésias Samartim, pelo seu excelente trabalho co-editorial e organizativo na Associação.

Para o Prof. Petrov e para o Dr. Pedro Quintino de Sousa, coordenador executivo e responsável técnico desse X Congresso, respetivamente, quero reservar as últimas e principais palavras de gratidão: o seu compromisso, trabalho e rigor ficam como inesquecíveis para a Associação Internacional de Lusitanistas.



## NOTA EDITORIAL

O presente volume faz parte de uma série de 11 que a Associação Internacional de Lusitanistas oferece ao público e aos estudiosos do âmbito das ciências humanas e sociais na esfera da língua portuguesa.

Os contributos que os compõem são fruto de um trabalho e de um processo de seleção e debate intensos. Assim, os textos foram submetidos à sua avaliação por pares, a posterior discussão no X Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas organizado entre os dias 18 e 23 de julho de 2011 no Campus de Gambelas da Universidade do Algarve sob a coordenação executiva do Prof. Petar Petrov e, finalmente, à confirmação e revisão final, tendo em consideração os debates mantidos nas sessões do Congresso (em cujo site foram também previamente disponibilizados) e as propostas e críticas apresentadas por cada um dos leitores e ouvintes. De 350 propostas ficaram finalmente algo mais de 250, num processo que tenta garantir o rigor e prestígio académico precisos.

Na organização dos onze volumes agora publicados delineou-se uma tábua temática e cronológica com uma subdivisão de géneros – distingue-se a prosa, a poesia, o teatro e, incluídos nos géneros em causa, a teoria, os estudos autorais e o comparatismo cultural. A cartografia textual apresentada conduz o leitor pelas literaturas e culturas de Portugal (da Idade Média ao século XX), volumes 1 a 5; do Brasil (séculos XV a XX), volumes 6 a 8; de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e África do Sul (século XX) juntamente com as da Galiza (séculos XVIII a XX) no volume 9; pela Cultura e o Comparatismo nas Lusofonias no volume 10 e pelas Ciências da Linguagem no volume 11 (lugar de grande destaque na produção ensaística do Congresso e onde foram abordadas temáticas distintas como o contacto de línguas, análise constrativa, análise histórica, fonética e dialectologia, morfologia e léxico, análise textual e ensino).



## O ALCANCE SIMBÓLICO DAS AVES NOS EMBLEMAS DE FREI JOÃO DOS PRAZERES

Filipa Medeiros Araújo

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

A atracção pela imagem é, sem dúvida, uma das características da sociedade moderna que mais a aproxima da cultura barroca, profundamente seduzida pela fruição visual proporcionada pela arquitectura refinada, que incrustava nos edifícios verdadeiras obras-primas das artes decorativas. Daí que a Literatura europeia se tenha deixado conquistar por essa estética de particular sensibilidade pictórica, cuja expressão máxima foi plasmada na fecunda tradição emblemática. É sobejamente conhecido que da fonte alciatense<sup>1</sup> emanou um torrencial fluxo criativo que invadiu os meios editoriais do velho continente, dando origem a obras descendentes do *Emblematum liber* nas mais variadas línguas. No entanto, essa corrente parece ter perdido força ao longo do seu percurso até Portugal, destino em que a produção emblemática “comparativamente ao que aconteceu em algumas outras regiões periféricas, foi modesta, tardia, frustrada e derivativa” (Amaral, 2008: 2).

Reconhecemos que a escassez do espólio sobrevivente, o aparecimento difuso das obras já na fase final do séc. XVII, a lamentável mutilação das ilustrações nos raros exemplares que chegaram ao prelo e a natureza subserviente de grande parte das composições, muitas vezes tomadas como meras imitações, adaptações ou traduções de livros estrangeiros, são factores de desânimo inicial para a investigação nesta área. Parece-nos, contudo, que a matéria

---

<sup>1</sup> O famoso *Livro dos Emblemas* mereceu mais de centena e meia de edições entre os séculos XVI e XVII, consagrando-se como uma das obras mais difundidas em toda a Europa, reformista e contrarreformista, promovendo além disso um profícuo trabalho de anotações, comentários e traduções, que preenchem um vasto período de multifacetada recepção desde a primeira edição (Augsburgo, 1531) até meados do século XVIII (Green, 1972). Em Portugal, Vasco Mousinho Castelbranco foi um dos primeiros cultores dos emblemas, em língua vulgar, quer numa parte do *Discurso sobre a Vida e Morte da Rainha Santa Isabel e outras varias Rimas* (1596), quer ainda nos *Dialogos de varia doctrina illustrados com emblemas* (ms. BNPortugal, Cod. 13167).

merece um estudo mais aprofundado, por motivos de natureza cultural, histórica e literária. Em primeiro lugar, o *corpus* subsistente, e resistente, testemunha o inequívoco conhecimento das tendências em voga nos grandes palcos literários internacionais, acentuando a ligação do nosso país à cultura europeia. Além disso, a forte dimensão iconográfica da emblemática teve inegável influência no desenvolvimento da azulejaria portuguesa, como arte aplicada da simbologia visual. Por último, cumpre afirmar que, para além de ser o primeiro livro de emblemas português a utilizar a estrutura tripartida (*inscriptio, pictura, subscriptio*), o *Príncipe dos Patriarcas* é talvez o único merecedor desse título, pelo que vale a pena conhecer melhor o seu contributo para o enriquecimento da Literatura nacional num contexto cultural que oferece ainda muitas surpresas por desvendar (Landwehr, 1976: 159).

Recordemos que o final do século XVI submeteu Portugal a um significativo movimento de reforma e reorganização das Congregações Religiosas, cujo tridentino ímpeto renovador fez renascer a Ordem dos Monges Negros<sup>2</sup>. As instituições monásticas concorriam fervorosamente pela influência sobre a orientação pastoral das almas, bem como a vida cultural e a acção sócio-caritativa, para além de competirem na capacidade de atrair a vocação imberbe dos jovens, que procuravam um ninho onde pudessem alimentar o sonho de realização pessoal.

Não admira, pois, que João Alves, tal como muitos outros meninos da cidade invicta, tenha desde cedo conhecido e admirado a grandiosidade da obra beneditina, pelo que aos catorze anos recebeu o negro hábito, no Convento de Tibães<sup>3</sup>, cabeça e sede da Congregação, que formou uma “plêiade

---

<sup>2</sup> Note-se que D. Sebastião abdicou dos bens monacais do padroado régio em favor da Congregação, como recompensa à significativa acção expansionista dos frades que fizeram a mensagem de S. Bento percorrer todo o país e viajar até ao Brasil. De facto, a força e o dinamismo da sua presença no norte de Portugal ganharam corpo no imponente mosteiro de S. Bento da Vitória, cuja edificação foi decidida já no período de soberania filipina.

<sup>3</sup> Estudou depois Filosofia no Mosteiro de S. Miguel de Basto e Teologia no Colégio de Coimbra, alcançando profunda erudição nas Letras sagradas e profanas. Esta formação ensinou-o a polir as arestas do discurso com tal perfeição que granjeou o lugar de orador evangélico na Corte de Lisboa, e podemos considerar que os seus ouvintes tiveram acesso privilegiado à sua elegante oratória, uma vez que, apesar de ter colocado a sua natural eloquência ao serviço da divulgação da sua Ordem, como Cronista Geral a partir de 1683, o parco registo escrito remanescente não faz justiça

ilustre de monges, santos e sábios, pregadores e missionários, escritores e artistas” (Dias, 1993: 119). Pela leitura dos testemunhos literários que sobreviveram, podemos constatar que a pena de Frei João obedecia a dois amos: o intuito morigerador do literato seiscentista e o gosto hagiográfico do frade beneditino<sup>4</sup>. Deste modo, procurou inspirar-se nos exemplos de santidade para traçar um modelo de excelência para os caracteres políticos<sup>5</sup> e para os ministros do Senhor<sup>6</sup>.

Foi esse pressuposto didáctico e pedagógico que presidiu à composição da obra que melhor ilustra o engenho criativo do autor seiscentista, *O Príncipe dos patriarcas S. Bento*. Este ambicioso projecto de homenagem ao legislador da Ordem previa uma série de quatro volumes<sup>7</sup>, mas o inexorável gesto

---

ao seu copioso labor. Sobre o percurso biobibliográfico de Frei João dos Prazeres (Porto, 31.08.1648-Cucujães, 4.03.1709), filho de Francisco Alvares e Ana Barbosa, veja-se Diogo Barbosa Machado (1933:669) e Inocêncio Francisco da Silva (1860: 25; 1883: 337), bem como as fontes citadas por Geraldo Dias (1979: 352) e Martim de Albuquerque (2001).

<sup>4</sup> Os *Apontamentos Beneditinos* de Frei Francisco de S. Luís (Ms. Singeverga, 83v.) exaltam a qualidade erudita e elegante das suas obras, mas infelizmente nem todas chegaram a passar pelos prelos, ditando o seu desaparecimento. Da memória desses manuscritos, subsiste apenas o nome imortalizado pela referência de Barbosa Machado, que menciona a *Vida do Cardial D. Verissimo de Alancastro*, o *Thezouro de Graças*, integrado no volume dos *Favores e revelações de S. Gertrudes*, e o *Theatro de Virtudes, e Vícios*.

<sup>5</sup> Nomeadamente com o *Abecedario Real, e regia instrução de Príncipes Lusitanos, composto de sessenta e três discursos políticos, e moraes. Offerecido ao sereníssimo Príncipe D. Joam*, impresso em Lisboa, na oficina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, em 1692. Sobre esta obra, veja-se o estudo de Luís de Almeida Braga (1943) e consulte-se a edição electrónica de Rolf Kemmler (2007). Acedido em 21 de Fevereiro de 2011, em

<http://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/cecpc/textosempdf/02abecedarioreal>

<sup>6</sup> Com este propósito redigiu a *Epitome da admirável Vida de S. Gertrudes a Magna Virgem, e Abbadessa da Ordem do Principe dos Patriarchas S. Bento, na qual se resume o princípio da sua virtude; o progresso da sua Santidade, e o fim da sua vida com hum compendio de várias Oraçoens*, publicado pelo mesmo impressor, no ano de 1696, e reeditado na lisboeta Oficina de Música, em 1728 (*ud.* exemplar R.883P. da BNP).

<sup>7</sup> Infelizmente, restam apenas os dois volumes impressos. O *Primeiro Tomo de sua Vida discursada em empresas políticas e predicáveis pelo M.to R.do Pe. Pregador Geral Fr. João dos Prazeres Chronista da Religião deste Pay das Religioens Todas*, publicado em Lisboa, por Antonio Craesbeeck de Mello, em 1685, constitui um volumoso fó-

de Átropos impediu a conclusão do desígnio; no entanto, os dois tomos conservados mostram como, no ocaso do século XVII, a mentalidade barroca, faustosa e exibicionista, com sua exuberância ornamental, continuava a satisfazer o gosto dos escritos religiosos, fiéis à literatura hagiográfica como propaganda de exemplos inatingíveis pelas críticas racionalistas. Cegos ao fracasso da reforma tridentina, que não conseguiu vencer os vícios freiráticos dos seus ministros, perseverava a frenética glorificação dos fundadores por parte dos Cronistas, encarregues de entretecer os fios do glorioso passado com as conquistas da actualidade, de modo a criar uma imagem melhorada da realidade, uma característica da historiografia religiosa que floresceu nesse período. É obvio que o fruto desse labor denuncia a subjectiva visão dos frades, que vestiam a armadura de cavaleiros em verdadeiras batalhas apologéticas, para defender a honra da sua Congregação, segundo o paradigma do jesuíta Jeronimo Roman de la Higuera, cujos *Cronicones* (1611) pontificaram no domínio filipino.

Não admira, pois, que o Cronista Mor quisesse dignificar o prestigioso cargo, defendendo a sua Ordem, cuja gesta em terras portuguesas tinha já sido detalhadamente explorada pela *Beneditina Lusitana* de Frei Leão de S. Tomás. Conhecedor destas respeitosas páginas de historiografia monástica, João dos Prazeres decidiu optar pela hagiografia, embora explorando este filão com notável originalidade, de forma a deixar sem resposta os eremitas agostinhos, com quem os filhos de S. Bento desenvolveram uma particular “guerra dos cem anos”<sup>8</sup>. Na *Rezam e defen-*

---

lio de 364 páginas guarnecido com estampas. O *Segundo Tomo de sua vida discursada em empresas políticas e moraes* foi dado aos prelos cinco anos depois, desta feita na oficina de Joam Galram. Barbosa Machado assegura que o frade beneditino tinha concluído o manuscrito do terceiro volume e preparado o quarto, a que faltavam apenas três empresas, garantindo que todas as obras se conservavam na livraria do Convento de S. Bento da Corte lisboeta (1933: 669). Inocêncio corrobora as informações do antecessor e comenta que estas publicações eram reputadas como correctas e citadas como autoridade pelo erudito Cândido Lusitano (Silva, 1860: 25).

<sup>8</sup> Esta polémica (1640 a 1740) foi desencadeada pela ousadia de Frei António da Purificação (1601-1658) que, no primeiro tomo da sua *Chronica da antiquíssima Província de Portugal da Ordem dos Eremitas* (Lisboa, 1642-1658), tenta provar que muitos santos antigos, bem como os mosteiros portugueses anteriores à fundação de Cluny (910), tinham sido agostinhos. O conterrâneo de Frei João iniciava assim um duelo entre as Ordens, que atingiu o auge quando Frei Manuel Leal de Barros

*sam do título do livro*, o autor expõe o motivo da obra e a argumentação baseada na atribuição do título de Príncipe dos Monges por parte dos papas e na datação da origem dos eremitas agostinhos, que não podia ser anterior ao IV Concílio de Latrão, em 1215<sup>9</sup>. Com refinada ironia, remata a sua prédica denunciando a falsidade das fontes referidas por Frei Leal, sem deixar de lembrar a retratação de Frei A. da Purificação no *Antidoto Augustiniano* (1660: 119), que transcreve e anota com comentários carregados de invectivas ao sábio Doutor<sup>10</sup>.

Pode parecer estranho que as Ordens tenham desperdiçado tempo e energia a propósito de um pormenor protocolar que, no fundo, desmascarava as pretensões humanas dos servos de Deus que viriam a ser atacadas pelo Iluminismo crítico de Verney. Não era, porém, uma questão de somenos numa sociedade tão estratificada e a contenda serviu também para provar a destreza do Cronista beneditino, que se revelou, então, um estratega inteligente, porque soube escolher as armas mais eficazes. A prosa seiscentista, profundamente marcada pela sensibilidade barroca, aprendeu a valorizar o conteúdo com o artificialismo burilado

---

(1622-1691) publicou o *Chrysol purificativo em que se apura o Monacato do Grande patriarcha, Doutor e Príncipe da Igreja S. Agostinho* (Lisboa: por António Rodrigues de Abreu, 1674), ao qual o beneditino se propôs responder para restabelecer o principado do seu fundador, refutando os argumentos da pretensão dos invejosos que requeriam a coroa do Monaquismo ocidental.

<sup>9</sup> Numa atitude de aparente benevolência, o autor justifica o engano do Padre Mestre com a pressa ou a falta de notícias, oferecendo o seu fraterno contributo para repor a verdade. Num discurso erudito dirigido ao “sábio leitor”, o advogado de S. Bento apela ao testemunho do Cardeal Belarmino, de Hugo de S. Vitor, dos doutores de Lovaina e do Mestre Suarez para provar o estatuto apócrifo da Regra de Santo Agostinho invocada pelos Eremitas, invocando também os documentos papais e os registos das ordens participantes nos Concílios mais antigos.

<sup>10</sup> Note-se a altivez do frade, que dedica uma empresa ao seu oponente, para ridicularizar o seu intento de espantar o ignorante (*Terrebo, si non percusse*). Provada a prioridade da Regra de S. Bento, tem início a glorificação hagiográfica, colhendo provas nos Doutores da Igreja e demais autoridades do Direito Canónico e Civil. No entanto, a obra não decidiu a contenda, que teria ainda uma fase jurídica, por causa da prioridade concedida aos Jerónimos na procissão do *Corpus Christi*, no ano de 1718. Dez anos depois, os Beneditinos apresentaram um protesto oficial na Nunciatura Apostólica de Lisboa, reivindicando a precedência, e, por fim, venceram (Dias, 1979:357).

da linguagem formalista, pelo que se pode afirmar que o estilo do *Príncipe dos Patriarcas* se integra perfeitamente na tendência literária coeva<sup>11</sup>, cujo produto intragável “de frades babosos e místicos”<sup>12</sup> a crítica tende a ostracizar, desprezando o seu contributo para a depuração da expressão vernácula. Além disso, a bafejada destreza artístico-literária do orador demonstra cabal domínio da técnica emblemática, de que foi paladino em terras lusitanas, onde o género conquistou adeptos, sobretudo nos meios aristocráticos e eclesiásticos (Prieto, 1988: 442).

Importa lembrar que, nos séculos XVII-XVIII, este tipo de composição literária se tornou um autêntico exercício lúdico, pelo que Verney a considera uma das “ridicularias do Seiscentismo”<sup>13</sup>. No entanto, o *Príncipe dos Patriarcas* exemplifica com primor a criatividade plástica da prosa emblemática nacional, uma vez que cada episódio da vida de S. Bento é ilustrado por uma xilogravura e respectiva divisa que o cronista glosa profusamente. A perspectiva hagiográfica determina a ordenação das tripartidas sequências, constituídas por *lemma*, *pictura*, *subscriptio*, de acordo com o cânone estabelecido, ainda que os eruditos comentários ilustrativos ultrapassem os limites sintéticos dos epigramas de Alciato, dada a sua natureza argumentativa. De facto, esta técnica exige uma complexa combinação de competências semióticas, de forma a construir um pro-

---

<sup>11</sup> G. Dias conclui: “Quanto à cultura, Fr. João dos Prazeres é um maneirista com reminiscências clássicas; quanto ao gosto e geito de escrever, é um gongórico, tributário do cultismo e conceptismo” (Dias, 1979:358).

<sup>12</sup> Raul Brandão (1933: 275). *Vale de Josafat. Memórias*. Vol. III. Lisboa: Seara Nova. Entre os defensores do interesse linguístico da obra de Frei João dos Prazeres, salientamos Solidónio Leite (1914: 147), lembrando que o erudito Inocêncio Dias aponta o Cronista beneditino como autoridade, precisamente pela correcção linguística com que este exímio cinzelador do discurso epidíctico pretende impressionar o leitor.

<sup>13</sup> L. A. Verney (1950:120). *Verdadeiro Método de estudar*. Lisboa: Sá da Costa. O impacto desta arte em Portugal está por estudar, mas Rafael Bluteau, nas suas *Prosas Portuguesas*, vol. II (1728:11-106) considera a Prosa Simbólica e nela distingue os “corpos com letra”, ou seja, emblemas que se tornaram paradigmáticos e comuns entre os escritores, o que comprova o seu uso, ainda que sem ilustração, numa recriação livre. De facto, no *Abecedário*, João dos Prazeres explora a composição artística das palavras construindo trios de conceitos segundo a ordem do alfabeto, de modo a apresentar um elenco de virtudes necessárias ao Príncipe.

duto artificial, de rendilhado formalista e filigrana conceptual, a partir de simples motivos simbólicos e de um lema conciso, como impõe a composição de cada uma das empresas, um tipo particular da herança emblemática, definido por Picinello (1695:§II)<sup>14</sup>.

Não faltariam, pois, a Frei João modelos inspiradores, bem populares no nosso país<sup>15</sup>, pelo que não deixa de ser significativa a originalidade que os censores<sup>16</sup> lhe reconhecem na novidade da aplicação das empresas, servindo de émulo a outros cultores inéditos<sup>17</sup>. Soube, de facto, construir casais felizes de figuras e lemas, que adquiriam significação própria, através da representação figurada de um conceito particular, explorando a articulação de saberes compilados pela ciência humana, pela mitologia da Antiguidade, pela poesia universal e pela tradição religiosa (Picinello, 1695: §II). O advogado de S. Bento aproveitou este criativo jogo de significativas correspondências entre imagens e palavras, para

<sup>14</sup> A obra de Philippo Picinello, *Mundus symbolicus* (1670), verdadeira enciclopédia da emblemática, começa por reflectir sobre a etimologia do termo grego, que significa “inserir um ornato”, retratando o costume militar de pintar ou esculpir marcas gentílicas nos escudos celebrizado por Homero. Estes símbolos heróicos, como observa Paulo Arésio, ficaram conhecidos em Itália por ‘impresa’, ou seja, a imagem representativa da *gesta* ilustre.

<sup>15</sup> Nomeadamente Diego Saavedra Fajardo, *Idea de un Principe Politico Cristiano representada en 100 empresas*. Münster, 1640; Fr. Nicolás de la Iglesia, *Flores de Miraflores...* Burgos, 1659; Solórzano Pereira, *Emblemata centum, regio politica...* Madrid, 1653; Francisco Nuñez Cepeda, *Idea de el buen Pastor copiada porllos Stos. Doutores representada en Empresas Sacras com Avisos Espirituales, Morales, Políticos y Economicos para el gobierno de un Principe Ecclesiastico*. Leon, 1682.

<sup>16</sup> Frei Baltasar Pinto atribui-lhe mérito “que se remonta até às últimas Esferas da curiosidade, ostentando pomposamente seu engenho” e o Padre Mestre Manuel Veloso louva o expediente suplementar com que imitou “a indústria dos Sábios de Grécia”, recorrendo às mensagens cifradas dos escuros enigmas para alcançar um “perfeito fruto do seu engenho logo no primeiro parto”.

<sup>17</sup> Segundo atesta Barbosa Machado, Frei Cristovão de Almeida (1704) compôs a *Vida de N. Padre Santo Amaro, por Empresas “primorosamente debuxadas”* e Fr. Francisco da Encarnação escreveu a *Vida de Santa Gertrudes Magna em Empresas Políticas e Predicáveis*, de acordo com a notícia de Frei Marceliano da Ascensão, *Apontamentos bio-bibliográficos de Beneditinos ilustres*, nº 23, in *Vários Papéis*, Ms. da Biblioteca Pública Municipal do Porto, nº 871.

pintar com novo lustre os passos do Patriarca<sup>18</sup>, pois a estratégia era sedutora motivação para dissertações didáticas e morais, ao serviço da teologia, parenética, história e educação. Prova dessa proveitosa adaptação são os manuais jesuítas, que usavam os emblemas como exercício pedagógico-recreativo.

Inúmeros e variados elementos pictóricos<sup>19</sup> explora o Cronista beneditino, pelo que se impunha neste estudo a selecção de uma amostra representativa, quer pela frequência, quer pelo valor simbólico. A escolha recaiu sobre o universo ornitológico, desde logo porque S. Bento costuma ser representado com um corvo de pão na boca, aludindo ao episódio de conspiração do invejoso monge Florêncio (empresa XXX, t. 2). Este tema mostra-se também significativo porque abrange nove exemplares e seis espécies distintas, para além de sugerir, desde logo, a ligação ao céu e à terra, de capital importância numa obra sobre um exemplo humano de santidade divina<sup>20</sup>. Em termos gerais, as aves representam os estados espirituais, a dimensão superior do ser, que está ligada ao conhecimento intelectual e à providência transcendente (Chevalier e Gheerbrant: 99-102). Não surpreende, pois, que o Mundo Antigo tenha cultivado a ornitomania e que as mais diversas religiões figurem os anjos e as almas livres sob a forma de animais alados, ícones das operações da imaginação, naturalmente instáveis e próximas da liberdade celestial. Esta conotação simbólica foi estabelecida, desde logo, pela tradição ancestral dos *Fisiólogos* greco-latinos e depois pelos *Bestiários* medievais, entre os quais se destaca o *Livro das Aves*,

---

<sup>18</sup> Para além dos *Diálogos* de Gregório Magno, as fontes biográficas mais prováveis seriam a *Benedictina* de F. Nicolas (Salamanca, 1604) e *El Sol del Occidente N. Glorioso Padre de S. Benito* de Fr. Alonso de S. Vitores, T. I, Madrid, 1645; T. II, 1647. No entanto, o autor afirma ter consultado cento e quarenta e sete documentos (t.1, p. 197).

<sup>19</sup> Note-se que as gravuras dos dois tomos são assinadas por três ilustradores distintos. A maioria por Francisco Gomes (F. G. f.), as outras por Clemente Billingue (CB) e Duarte (C. Duarte, D. ou Du.).

<sup>20</sup> O particular potencial pedagógico dos seres alados foi ilustrado na obra de Soror Maria do Céu, *Aves ilustradas em avisos* (1734), que anuncia logo no início: “houve uma hora em que as aves mostraram mais liberdade nos bicos do que nas asas; com estas cortam o ar, com estes ensinam agora aos racionais” (Morujão: 288).

que tomaremos como referência, a par do *Tratado de los animales terrestres e volatiles*, de J. Cortés (1672).

Não será, portanto, despicienda a enfática presença da mais famosa de todas as aves na empresa de abertura, intitulada “Canta S. Bento em o ventre de sua Mãe”. Ao recuperar a imagem da mítica Fénix, Frei João dos Prazeres evoca o extraordinário esplendor e a invejável longevidade deste ser, eternizado pelo poder de renascer das próprias cinzas, depois de incendiar o ninho feito de raminhos perfumados. Começa, assim, por delinear a sua estratégia de identificação entre o Patriarca e o Messias, através deste símbolo universal de ressurreição, imortalidade e renovação cíclica, desde cedo associado a Cristo<sup>21</sup>.

Quando debuxada entre as chamas, como acontece na empresa sob escopo, a Fénix simboliza a vitória sobre a morte por acção do fogo reparador que ateia com o agitar das asas, não como pecador hipócrita e invejoso, autor da própria desgraça, mas como agente solitário da própria libertação. A escolha desta versão, seleccionada entre o vasto repertório de aplicações compiladas por Picinello que comprovam o multimodo aproveitamento da renascida ave na emblemática heróica<sup>22</sup>, indicia o co-

---

<sup>21</sup> Já no Antigo Egipto, esta exótica ave, a quem Heródoto e Plutarco atribuíram origem etíope, era símbolo dos ciclos solares e das cheias do Nilo, naturalmente ligada à cor púrpura e à imortalidade do Sol. Para a fé Cristã, tornou-se ave sagrada a partir de Orígenes, porque representa o triunfo da vida sobre a morte, daí que fosse atribuída a muitos santos e mártires que atingem a vida eterna pelo sacrifício (Picinello: 322; Folieto: 151; Cortés: 505). A propósito deste símbolo, o Cronista cita expressamente os *Hieroglyphica* de Valeriano (tomo I, p. 100).

<sup>22</sup> De entre as inúmeras variantes representativas elencadas por Picinello que enfatizam a associação da Fénix a Cristo, a que reproduz uma pira fúnebre será talvez a mais comum, aludindo à imolação como demonstração de virtude, tal como o sacrifício de Cristo foi instrumento de salvação humana. No entanto, são aproveitados outros pontos de comparação, nomeadamente quando a ave transporta madeira, imitando o Redentor que carregou a cruz; ou quando se acentua a dimensão auto-regeneradora da Fénix, procurando equipará-la à alma autodidacta que se purifica pela penitência. Cristo é o maior exemplo de auto-reabilitação através da morte, porque se deu em alimento na última ceia. Todavia, a imagem da Fénix que arde ao ver o Sol pode também lembrar Maria, na atitude contemplativa com que assistiu à morte de Jesus entre as labaredas da sua glória. E para além deste sentido introspectivo, o mítico pássaro ilustra também a castidade da viúva fiel a um só marido, aludindo à virgindade e à Ascensão ao céu de Nossa Senhora, *unica Avis*, que vela como protectora dos infortúnios (Picinello: 322 sqq.).

nhecimento das normas do género, que estipulam a selecção de uma figura agradável à vista, digna e facilmente identificável e aconselham a junção de dois elementos que veiculem a mesma ideia, aumentando a graciosidade<sup>23</sup>. De acordo com estes princípios, Frei João elege o pássaro venturoso e singular, favorecido na longevidade e na capacidade de transformar em berço a sepultura, para evocar a imagem do patrono beneditino, que soube igualmente preparar o precioso leito para sacrificar a sua vida e atear as chamas do renascimento com suas obras. No entanto, o autor vai além da previsível comparação entre Cristo e S. Bento, na medida em que o primeiro regenerou o Povo de Deus e o segundo acendeu as labaredas da reforma monástica com a criação da sua Regra em 540.

Com efeito, o experiente retórico recorre a diferentes estratégias discursivas para salientar duas marcas específicas da excepcional glória beneditina: por um lado, a imunidade beatífica perante as leis da Natureza, equiparando esse estatuto às prerrogativas excepcionais da Fénix<sup>24</sup>; por outro, a precocidade da revelação dos dons divinos. O primeiro argumento apresentado neste sentido é o episódio uterino, que mostra como o ilustre descendente da casa Anícia começou por purificar o ventre da mãe, Santa Abundância, porque apesar de se ter tornado senhora da cidade de Núrcia não deixava de ser um ninho poluído pelo pecado original. O prodígio do feto coreuta não só comprova a superação da condição humana, como confirma prematuramente a Graça divina do Legislador das Ordens, que depurou ao longo da sua vida de abstinência e contínua penitência. Significativa é também a analogia com a manifestação *in utero* do Precursor de Cristo, bem como a comparação à vara de

---

<sup>23</sup> No capítulo introdutório do *Mundus symbolicus*, o enciclopedista apresenta os pressupostos teóricos e as autoridades que serviram de suporte metodológico à sua rigorosa análise. Revela, porém, alguma flexibilidade na aplicação das regras canónicas, uma vez que autoriza, por exemplo, a introdução de um corpo extraordinário, desde que não implique a mistura de coisas contrárias ou de convivência inusitada (Picinello: § III).

<sup>24</sup> Note-se que o conceito de Justiça apresentado pressupõe tacitamente que os decretos são muitas vezes devastadores para os humildes vales e compassivos para os elevados montes, sublinhando as desigualdades na aplicação das leis civis e naturais. As primeiras respeitam o estatuto privilegiado dos soberanos, as outras poupam os homens de excepção, como Jonas que escapou incólume do ventre da baleia.

Jesse, coroada de flores desde a raiz, que surgem entretecidas num complexo rol de *exempla* bíblicos, com o objectivo de hiperbolizar a *uirtus* do Patrono. Por isso se considera que o feito inesperado de S. Bento superou a conversão imediata de Pedro à pregação de Jesus, a abnegação de S. Paulo, a castidade de José e o desengano de João Baptista, sendo apenas comparável ao gesto de Cristo, que subverteu as leis do Tempo quando entregou a salvação aos Homens, pelo sacramento da Eucaristia, antes de remir a sua culpa.

Conclui, assim, Frei João dos Prazeres que o seu patrono se tornou a Fénix dos Patriarcas, por ser único e inigualável na virtude, depois de um longo percurso de reflexão que acentua a natureza compósita da empresa, fruto de uma ligação recíproca entre a matéria da figura e a forma do lema. A partir destes elementos indissociáveis são construídos dois níveis semânticos, um literal, outro alegórico, dado que os emblemas heróicos se distinguem pelo sentido global do conjunto, que sugere uma interpretação física ou moral, mas também uma leitura particular e implícita, de modo a deslindar o nexó metafórico entre a imagem e a *inscriptio*<sup>25</sup>. Neste caso, a divisa *Privilegium maiestatis* remete de imediato para a singular capacidade regeneradora da Fénix, e só depois de uma leitura mais atenta se percebe que o traço distintivo em destaque é a isenção relativamente às leis naturais. E esta associação torna-se ainda mais expressiva se tivermos em conta que a presença do mítico ser sugere, *ab initio*, o papel fundamental do reformador das Ordens, ainda que, neste primeiro momento, o cronista se concentre em demonstrar que a

---

<sup>25</sup> Segundo as directivas de Picinello, o lema deve restringir a ambivalência significativa, sem reproduzir adágios, porque estes têm um sentido próprio e isolado. A dupla tem de exprimir um significado imediato e outro construído, relativamente a uma verdade eterna e comprovada, seleccionando termos distintivos de cada corpo, numa composição breve e elevada, que pode conter uma só palavra, embora a pluralidade seja mais elegante. O teórico admite o recurso a versos, desde que sejam curtos e claros, sem hipérbolos ou metáforas rebuscadas, ainda que o aproveitamento de jogos de palavras seja proveitoso, se evitar palavras vulgares ou redundantes. São também de excluir adjectivos e sinónimos, invocando também idiommas desconhecidos. São permitidas as três formas de frase, a primeira e a terceira pessoa, privilegiando, contudo, os lemas que evitam os verbos e usam partículas monossilábicas. Por fim, sugere-se a exploração criativa do nome, do cognome ou das armas gentílicas do herói.

fé do Pai universal de todas as religiões se manifestou antes do seu nascimento, porque era um dos eleitos de Deus para desempenhar uma missão na terra, tal como Cristo.

Importa sublinhar que esta argumentação original, desenvolvida a partir do carácter excepcional da ave etíope, tem continuidade na empresa nona, que evoca mais um acontecimento sobrenatural da biografia beneditina análogo à vida de Cristo. O título “Recebe S. Bento quando de Peito, o maior favor da Virgem Maria”, conjugado com o motivo central do pelicano e a divisa *Nutrit priusquam nutriatur*, deixa antever a temática do alimento espiritual, glosada com notável perícia. A tradição lendária consagrou esta ave aquática como símbolo do amor paternal<sup>26</sup>, alegando que alimentava as crias com o próprio sangue, o que favoreceu a ligação à imagem de Cristo ressuscitado<sup>27</sup>.

Torna-se, por isso, evidente a intenção de Frei João dos Prazeres, que procurou justapor a figura do Legislador das Ordens à ave que se desentranha para alimentar os filhos, de modo a enfatizar mais uma vez a prematura aproximação a Cristo, comprovando não só a primazia da Ordem beneditina, mas também o estatuto predestinado do seu Fundador. Nesse intuito, o orador convocou os avisados testemunhos de Ponciano,

<sup>26</sup> Como refere Picinello, a empresa de D. João II adoptou este símbolo para representar o seu amor pelos súbditos, corroborado pela divisa *Pro lege et pro grege*. O enciclopedista explora detalhadamente o aproveitamento cristão do pelicano, também como imagem do prelado caridoso, associado a S. Paulo, capaz de dar a vida pelo próximo, seguindo o exemplo do Pai. No entanto, a ave surge nos *Emblemata* de Alciato como representante da gula (E. 90) e do mau orador (E.95 e 96), ainda que o *Livro das Aves* defenda que come apenas o suficiente para sobreviver (cap. 34).

<sup>27</sup> De acordo com o testemunho do bestiário medieval atribuído a Hugo de Folieto, o pelicano tornou-se símbolo místico de Cristo porque tinha o poder de reanimar com o próprio sangue as crias que feria com o bico, depois de chorar três dias sobre elas (cap. 34; Cortés: 487). Esta relação era favorecida pela sua natureza húmida que, segundo a física antiga, desaparecia com o calor solar e reaparecia no Inverno, bem como pelo facto de ter jorrado água e sangue das feridas do Salvador, que se tornaram fonte de vida e símbolo da mensagem eucarística. Além disso, a imagem da ave pintada com as asas abertas e os filhos a sugarem o sangue lembra o sofrimento do Messias, que foi crucificado pelos pecados dos homens, mas resgatou os irmãos da morte com o seu *sanguis uiuificus*, que se tornou alimento espiritual (Picinello:317). Com Amor, Jesus Cristo regenerou igualmente a sua amada Igreja, que sustentou com as próprias vísceras, pois é a encarnação do Verbo divino.

Plínio, Cícero, e até Erasmo, para frisar a visceral obrigação do governante, que deve garantir o sustento dos seus súbditos, mesmo antes de estes darem prova do seu merecimento. Assim fazia Alexandre antes das batalhas, pois o afecto de pai precedia a sua majestade soberana, e assim fizeram ilustres modelos maternos, que ofereceram o peito ao filho e aos que o haviam de servir, para atestar que nessa tenra idade se forja a virtude mais verdadeira. Com estes fundamentos, o cronista sustenta a tese de que a antecipação aumenta o valor dos principescos feitos<sup>28</sup>, com a intenção de enaltecer o órfão S. Bento, cuja santidade foi alimentada pela “honestíssima doçura do leite” da Virgem. Intenta assim comprovar que todos os fiéis inspirados por Nossa Senhora desenvolvem um genuíno fervor pela vida virtuosa ao serviço da Igreja, um privilégio que foi concedido a S. Bento, nutrido por Deus antes de lhe confiar a sua vida. O pelicano, símbolo da Paixão de Cristo, aliado ao lema, *Nutrit priusquam nutriatur*, representa neste contexto a capacidade de entrega do Patriarca, que garantiu alimento espiritual ao próximo, num gesto de total abnegação e sacrifício, seguindo o exemplo do Salvador.

Parece-nos, portanto, inovadora esta interpretação alegórica da ave, porque não só destaca as obrigações paternais do Príncipe, como exalta os bons proveitos de uma gratificação precoce, imitando o que fez a Virgem puríssima ao Restaurador da fé. E para atestar o efeito positivo desse crédito adiantado pela Santa Mãe, o cronista beneditino retoma o motivo do desprendimento do Patriarca, na empresa XIV, que lembra o episódio do abandono de Roma para se retirar na caverna. O protagonista desta composição é o Pavão, conhecido como ave de Hera e ícone solar, pela sua cauda circular, sendo também símbolo de beleza e transformação, pois a formosa plumagem deriva da transmutação dos venenos

---

<sup>28</sup> Frei João dos Prazeres invoca diversos exemplos para comprovar as vantagens de um poder precocemente reconhecido, entre os quais destacamos: Cupido, o infantil deus que gere os relacionamentos amorosos; o radioso Sol, que distribuiu os raios antes de atingir a plenitude; e os fiéis soldados Petroianos, criados com os Príncipes para serem *ab initio* seus homens de confiança, de modo a que a educação confirmasse o seu amor natural.

que absorve ao destruir as serpentes<sup>29</sup>. No universo emblemático<sup>30</sup>, quando este animal surge com a cauda em concha denota a sua beleza interior e quando tem a cauda armada prefigura o contraste entre as pulcras penas e feios pés, alertando para as ilusórias seduções do mundo em que convivem alegrias e tristezas<sup>31</sup>.

Ora, foi precisamente esta *coincidentia oppositorum* que o Cronista quis explorar, quando escolheu juntar o conceito de desprezo e o símbolo da ostentação, correndo o risco de criar uma dupla inusitada, contrariamente às regras de composição emblemática. No entanto, essa contradição é apenas aparente, porque os traços semióticos que o autor pretende colher da ave de Hera prendem-se com as ideias de transformação e de totalidade. Começa por lembrar que o Príncipe dos monges negros foi agente de mudança na medida em que combateu os venenosos vícios com o desprezo, o que aumentou a sua probidade. Logo de seguida, a prédica do advogado beneditino concentra-se no *topos* da totalidade, explicando que, tal como a ave emplumada, o Santo de Núrcia soube colmatar as falhas da sua natureza humana com uma rigorosa educação, de modo a suprir as infantis lacunas, para que a velhice pudesse reflectir as flores da mocidade<sup>32</sup>. Deste modo procedeu Deus com S. Bento, plan-

<sup>29</sup> Na tradição cristã, tornou-se sinal da imortalidade e totalidade da alma incorruptível, por isso a iconografia o faz beber no Cálice eucarístico e serve de montada para conduzir o cavaleiro à Bem-aventurança (Cirlot: 356).

<sup>30</sup> A imagem do pavão despido evoca o oficial deposto por inveja dos outros ou o pecador desanimado que se esconde, como Adão, sendo sinal de virtude oculta ou de mutação. Quando surge acompanhado pelo Sol, lembra a imperfeita virtude do homem e a vã soberba. Além disso, a mutabilidade das cores reproduz a atitude dos adutores e a cauda fechada o hipócrita que dissimula a sua natureza (Picinello: 315).

<sup>31</sup> O *Livro das Aves* (cap. 50) recorre às *Etimologias* (XII, 7, 48) para advogar que a designação da ave provém do ‘pavor’ causado pela voz assustadora, daí que represente também o pregador, que afasta os vícios com a virtude das suas palavras, bem como ilustra a acção purgativa dos inquisidores, juizes e médicos. Com base nas *Escrituras*, o Tratado associa o pavão aos efeminados, enquanto Cortés o apresenta como símbolo de vanglória, que se envergonha dos pés e serve de reflexão sobre a efémera formosura humana (cap. 20).

<sup>32</sup> O discurso argumentativo incorpora inúmeros testemunhos da Patrística e da Antiguidade, para mostrar que a doutrina precoce garante uma forma de prevenção eficaz, de modo a erradicar o vício antes de criar raízes. Com *exempla* do senso comum e sentenças de Plauto, Juvenal, Ovídio e Séneca, o orador demonstra que a missão

tando-o na descendência mais ilustre e predispondo-o para a glória desde o ventre, para que revelasse a virtude logo nos primeiros gestos, superando todos os defeitos que ameaçam a perfeição, como lembra a divisa *Defectus exanimat molem*. Frei João aponta, assim, o carácter do Legislador como resultado da educação cristã que recebeu e promoveu nos seus mosteiros, tendo dado prova cabal dos seus princípios no desprezo pela vida mundana.

Terá sido, de resto, graças a essa rigorosa formação de matriz cristã que conseguiu atingir a fortaleza da garça-real, símbolo egípcio da manhã e da regeneração vital, que domina a empresa XVII. Picinello, em sintonia com o *Livro das Aves* (cap. 48), associa esta ave de altos voos às almas justas, que se elevam para manter os olhos em Deus, longe de todas as tempestades mundanas (p. 277 sqq.).

Na verdade, a mensagem iconográfica deste capítulo é de tal forma eloquente que a empresa dispensa título, e o orador começa logo por afirmar que a garça merece emulação porque é um exemplo de superação. De facto, a ave voa acima das outras e enfrenta as nuvens em vez de se limitar a fugir da chuva, tal como o príncipe tem obrigação de atacar as causas e não os efeitos, à semelhança de Hércules e Alexandre. Enquanto ícone das almas superiores, a garça mantém uma postura contemplativa, refugiada na tranquilidade celeste, e por isso Frei João aconselha o afastamento de todos os perigos como estratégia de luta. Esta perspectiva procura evidenciar que o facto de S. Bento ter abandonado por diversas vezes a convivência mundana devia ser entendido como sinal de superior virtude e não de desânimo<sup>33</sup>. Corroborando a mensagem

---

dos pais não se esgota na geração da vida; implica perspicaz vigilância na formação do carácter, sobretudo quando se trata dos Príncipes, que devem servir de paradigma aos súbditos. Discute-se, assim, os princípios da educação régia, condenando Maquiavel para seguir S. Jerónimo, Plutarco e Cícero, que aconselham a austeridade do isolamento doméstico e o desenfado moderado, sempre sob a orientação de um mestre sábio e experiente.

<sup>33</sup> Note-se que os exemplos guerreiros e as sentenças de Erasmo, de Plutarco, das Escrituras Sagradas e dos Padres da Igreja enriquecem o discurso de Frei João, que enumera vários episódios históricos para comprovar que o monarca, apesar de misericordioso, não deve poupar o inimigo para prevenir o crescimento das plantas daninhas. Seguindo a lição do general digno, que pune a dissimulação e procura vencer o

do emblema anterior, o cronista constrói uma hábil estratégia de contra-argumentação, de modo a alegar que essa foi uma tática inteligente para não sucumbir à desgraça. Este triunfo sobre a morte, para além de lembrar o exemplo de Cristo, justifica a vitória sobre S. Agostinho na coroa do monacato, porque este desistiu do mundo, enquanto S. Bento se afastou dos Homens impuros para os regenerar, como afirma S. Odo.

A analogia à garça termina com a convicção de que o Príncipe imitou o seu voo contemplativo e isolado em busca de um refúgio onde se mantivesse a salvo das tormentas, como adverte a divisa (*Ne succumbat*). Todavia, embora se tenha distanciado da convivência mundana, nunca esqueceu os seus, em especial a irmã Escolástica e a ama Cirila, para quem construiu um mosteiro na cidade italiana de Efide, actual Affile. Este episódio, retratado na empresa XXVI, do tomo segundo, adopta como motivo central a cegonha, conotada com a piedade filial, pois socorre os pais na velhice. E ainda que pela atitude imóvel e solitária convida à contemplação, revela-se uma guerreira capaz de destruir serpentes, como ilustra a figura pintada<sup>34</sup>, para alimentar os seus. Foi este aspecto, segundo Picinello, que justificou a identificação deste ser alado com a Justiça e a Misericórdia de Jesus, valores fundamentais da vivência cristã.

Por conseguinte, facilmente se percebe que esta ave tão previdente na criação dos filhos ilustre uma faceta mais familiar da benta biografia, que serve de pretexto para criticar o desamor das mães que se recusam a amamentar e enaltecer o cuidado das amas<sup>35</sup>. O cronista assevera o dever dos príncipes agradecerem a dedicação de quem os criou e imitar o seu

---

adversário com as mesmas armas, o Patriarca, movido e munido com o amor de Deus, rejeitou os vícios mundanos e puniu a pátria romana, antro de pecado, deixando-a sem Sol, para secar sem o alimento espiritual. Assim Cristo castigou a figueira infrutífera e partiu em busca de novos inimigos. O motivo do abandono, comum a S. João Baptista, leva o autor a anunciar novas reflexões nos tomos seguintes de modo a provar que o desterro beneditino foi aviso celestial e não fuga (t.1 p. 197).

<sup>34</sup> A cegonha é apontada, por unanimidade, como modelo de amor filial na obra de Alciato (E. 30), no *Livro das Aves* (cap. 24) e no tratado de Cortés (cap. 24), que acen-tua também a sua fidelidade conjugal e o cuidado maternal que revela. Na alegoria da “Grande Sabedoria”, duas cegonhas aparecem a voar num espaço circular fechado pela figura de uma serpente. Na actualidade, tem a missão de transportar bebés porque esta ave migratória regressa com o despontar da natureza e assume-se também como ícone de longevidade milenar graças ao jejum (Cirlot: 130).

zelo, por isso a cegonha costumava decorar os ceptros, e aproveita este símbolo para louvar o seu mestre espiritual por ter erigido o mosteiro alpino de S. Salvador para acolher Cirila. Recordando a morte prematura da mãe, o autor acrescenta que foi escolhida como aia a parente mais virtuosa para não degenerar a virtude do sangue, gerado por uma santa mãe e alimentado pela Virgem. Era, de resto, uma mulher sábia, pois ilustrou a Regra da Ordem negra e manteve aceso o fogo divino no seu corpo terreno, produzindo o leite e o mel com que Deus prometeu sustentar o seu povo eleito (Êxodo, 3:8). De facto, a virtude melíflua e a nobreza láctea da Ama acompanharam o Patriarca no milagre de Efide, e este recompensou o sustento corporal com pasto espiritual, como compete ao Príncipe magnificente que garante uma recompensa proporcional ao seu carácter gigante, daí que emane da divisa - *In gratiam educationis* - a ideia de protecção e gratidão sugeridas pela imagem.

Verifica-se, portanto, que o Santo confirmou na idade adulta os prenúncios divinos exaltados nas empresas anteriores, retribuindo com generoso reconhecimento a educação e os dons recebidos. E tão eficiente foi essa formação que S. Bento atingiu a excelência da rainha das aves, mensageira da mais alta divindade greco-latina e do fogo celeste<sup>36</sup>. Importa lembrar que a águia foi o ser alado mais difundido nas empresas e

<sup>35</sup> Numa longa apologia da reciprocidade entre a gratidão filial e o cumprimento da natural obrigação materna, o autor convoca argumentos poéticos (canto de Horácio, Ovídio e Lucrécio), as leis do Direito Civil sobre a amamentação na classe nobre, os exemplos excepcionais de D. Filipa de Lencastre, de Maria de Médicis e de Hécuba, e também os preceitos de D. Francisco Manuel de Melo, na *Carta de guia de casados* (1651). Frei João dos Prazeres cita também Virgílio para salientar o efeito aperfeiçoador da criação e acrescenta que os Gracos e D. Afonso Henriques sorveram grandiosos valores no leite das amas, pelo que estas não deviam ser de condição muito inferior, nem de origem desconhecida ou estrangeira, para que da sua influência enxertada não saísse inclinação externa.

<sup>36</sup> Este símbolo universal da paternidade, do poder e da capacidade intelectual, pelo dom de contemplar o Sol, foi associado a S. João Evangelista e a Cristo na Idade Média, uma vez que as asas estendidas lembram os recortes do trovão e da cruz (Picinello: 263 sqq.). Imagem arquetípica de iniciador e psicopompo na cultura oriental, também a tradição cristã lhe reconhece poderes sobrenaturais, como o rejuvenescimento e a vitória sobre a morte, daí que conduza as almas a Deus. Não esqueçamos, porém, a sua face lunar, pois o seu perverso poder de rapina, inflexível e devoradora, aproxima-a do Anticristo e dos soberanos cruéis e orgulhosos (*Livro das Aves*, cap. 56).

nos emblemas, representando o nível supremo de poder, persistência e amor (García Arranz: 154), embora surja apenas uma vez no *Emblematum liber* de Alciato (E.33), como símbolo de fortaleza. Ciente da riqueza simbólica da embaixatriz de Júpiter, Frei João dos Prazeres utilizou-a em quatro empresas, cada qual salientando uma característica distinta, que merece particular atenção<sup>37</sup>.

A primeira representação, no emblema XXI do tomo inicial, ilustra a sua vertente caçadora, associada à divisa *Discernitur principiis*, que nada parece ter a ver com o título “Faz São Bento o primeiro milagre em Efi-de”. Com efeito, a associação de ideias nesta empresa é particularmente original, uma vez que a partir de um ícone convencional o orador constrói um lema que incide sobre a necessidade de o Príncipe se mostrar animoso logo no princípio do seu governo, para conquistar o respeito de todos. É este o ponto comum com a águia que transporta a vítima nas garras, na medida em que esta demonstra a sua força e sagacidade logo nos primeiros voos<sup>38</sup>.

Posto isto, o cronista compara o trajecto da rainha dos céus, determinada e destemida, ao percurso do Príncipe, também ele ascendente e prolongado no tempo, tendo confirmado o seu poder natural com o exercício precoce da sua arte, de modo a engrandecer a sua força e legitimar o seu estatuto<sup>39</sup>. Assim procedeu o santo Legislador, quando colou

---

<sup>37</sup> Cortés relata uma lenda antiga, segundo a qual o corpo de S. Bento teria sido encontrado por uma águia num rio, depois da destruição do Mosteiro de Monte Cassino onde estava enterrado com Santa Escolástica (p. 405).

<sup>38</sup> O simbolismo da águia varia de acordo com a presa. Assim sendo, quando transporta uma tartaruga, alude a uma vida austera e a S. Miguel, que resistiu às vontades terrenas. Quando persegue um peixe à tona da água, num gesto *contra naturam*, representa os audazes, mas se caça serpentes imita a morte de Cristo, vingador dos pecados mundanos, e inspira o religioso, que deve afastar-se das tentações terrenas. Ao lutar contra o dragão, segue o exemplo da Cruz, diante de todos, e o combate com a hidra prova a sua vitória sobre qualquer inimigo, como fizeram os portugueses na Índia. No triunfo sobre o armado cervo, que cega com pó, revela astúcia (Picinello: 261).

<sup>39</sup> Frei João cita a empresa de D. Afonso I de Aragão, para demonstrar que o monarca beneficia em vencer as dúvidas com empenho e conquistar o amor do povo com seu cuidado para confirmar a soberania, ainda jovem. Além disso, dá o exemplo da coroa lusitana, cujo enérgico lançamento assegurou a continuidade do voo elevado na dinastia de Avis e só com o Rei estrangeiro chegou o castigo divino, in -

miraculosamente o crivo de barro para confortar as lágrimas de Cirila, inspirado pela rémora, que aplica toda a energia concentrada no seu pequeno corpo. No intuito de reforçar o elogio, o experiente orador aplica duas técnicas de *amplificatio*. Por um lado, situa este episódio biográfico junto ao templo de S. Pedro, para ligar o restaurador das Ordens à pedra fundadora da Igreja; por outro, compara S. Bento ao astro solar, de forma a evidenciar que o ministro de Deus se revelou já no esplendor da sua virtude, contrariamente ao Sol, que nasce tímido<sup>40</sup>. Assim sendo, o Patriarca beneditino, qual águia, cumpriu o lema *Discernitur principiis*, ao desvendar a superioridade do seu carácter no primeiro milagre que poderia até parecer um feito menor, se não fosse um extraordinário sinal de amor e de humildade, à semelhança do inaugural prodígio de Cristo.

Bem distinta é a característica lendária salientada pela empresa XVI, onde a soberana dos ares surge inofensiva, ao lado de um rebanho, totalmente concentrada no Sol<sup>41</sup>, sob a epígrafe “Respondeu S. Bento ao anjo que eram tantas as mercês que tinha recebido de Deus, que se achava impossibilitado a pagá-las”. Esta disposição acentua a intrínseca ligação da ave ao astro, tendo em conta a sua capacidade para suportar a luz solar e voar mais alto<sup>42</sup>, o que sugeriu a Frei João dos Prazeres a analogia

---

terrompendo o percurso até à Restauração de D. João IV, que voltou a desferir a flecha. Para além deste tributo nacionalista, muitos são os exemplos avançados pelo advogado beneditino, de modo a evidenciar a vantagem de comprovar precocemente um privilégio adquirido.

<sup>40</sup> Numa curiosa interpelação intimista ao leitor, o avisado pregador declara a intenção de elevar as excelências de S. Bento acima da estrela maior, pois não era apenas o mais luzente dos Patriarcas, mas o reformador de todas as religiões. O seu papel consistiu em espalhar luz, uma vez que renovou a virtude, purificou as almas, alimentou a fé, uniu o mundo à santidade e confortou os desanimados, mostrando desde cedo a máxima virtude e poder.

<sup>41</sup> A águia com as asas presas simboliza a perda de virtude e quando voa em céu aberto a aproximação a Deus com boas obras, convidando os homens a seguir o exemplo de Cristo que reencontrou o Pai no céu.

<sup>42</sup> O tratadista espanhol aponta esta particularidade como critério para testar a capacidade das crias (Cortés: 397); enquanto o *Livro das Aves* (cap. 56) a considera como prerrogativa natural da sua posição altiva e solitária. Nos emblemas coligidos por Picinello, é descrito um semelhante ao presente, no qual a águia pousada no solo aprecia o romper do dia, de tal forma que esse momento de alimentação espiritual lhe tolhe o apetite físico.

entre esta condição privilegiada e os dons concedidos a S. Bento pela providência divina.

O cronista sublinha, porém, que nunca essas mercês foram causa de vanglória, sendo entendidas como instrumentos para ajudar o humilde servo no serviço a Deus, sempre de olhos postos na luminosidade celestial, que se torna benéfica para os justos e alimenta a atitude contemplativa dos devotos. Neste contexto, a postura vigilante da ave no alto dos montes identifica-se com a posição do Prelado, que deve usar a perspicácia intelectual de quem observa, solitário, a partir de um recôndito natural para prover às necessidades dos súbditos, ao mesmo tempo que lhe compete elevar a alma, afastando-se das baixezas terrenas. A águia lembra o soldado preparado para vigiar e lutar, cuja força ocular iguala o poder das garras, e serve de inspiração ao cronista para plasmar o desprendimento que o Fundador colocara no desempenho da sua missão, sem se preocupar com outro interesse para além de agradar ao Senhor, desprezando até o sustento do corpo<sup>43</sup>. Por isso S. Bento, quando solicitado pelo Anjo, nada pediu, antes agradeceu a liberalidade do seu Amo, que o revestira de honras superiores ao seu mérito. A maior de todas seria a “íntima correspondência” com que sempre o favoreceu e como não podia ser avarento quem recebeu com prodigalidade, o Legislador beneditino desejou apenas seguir a luz de quem tanto o ajudou, como preconiza o lema - *Non auara dum iuuatur*.

Com esta atitude resignada e grata, ofereceu o Santo Patriarca modelo aos senhores e aos servos, para que cumprissem abnegadamente a

---

<sup>43</sup> O orador fundamenta a sua opinião com *exempla* de total dedicação colhidos no fértil campo da Antiguidade, recorrendo a autoridades greco-latinas (Cícero, Séneca, Plutarco, Luciano) e eclesiásticas, para exortar os vassallos a evitar a febre da ambição, cultivando sempre uma devoção moderada para não inflamar as asas na aproximação ao Sol, ou cair na desgraça como o ingrato pastor de Apolo. Aconselha, por outro lado, o soberano a precaver a ousadia dos servos, usando o critério do jardineiro que primeiro conhece as plantas e depois as estima, de acordo com o seu merecimento, como fazia o avô de D. Pedro II. Na sequência do discurso, encontramos novo louvor à casa de Bragança, na irónica resposta que o Duque, D. Teodósio, deu a Filipe III, afirmando que os seus ascendentes já o tinham provido de todas as honras possíveis.

sua missão. Foi por isso agraciado pelo Pai com cinco excelências<sup>44</sup>, duas das quais representadas pela águia. Na empresa XVII, a ave voa para o ninho com uma pedra no bico, ilustrando a primeira prerrogativa - “que sua Religião duraria até o fim do mundo”. Esta imagem, segundo Picinello, certifica a estratégia instintivamente usada para temperar o calor natural e favorecer o amadurecimento atempado dos ovos<sup>45</sup>, pelo que o autor português aproveitou, então, o motivo das propriedades protectoras das pedras Tites e Acates contra os ventos e as serpentes, para sugerir que S. Bento, tal como a águia, afiançou a conservação e a longevidade da sua prole através de uma garantia divina<sup>46</sup>. Como determina a divisa *Ne pereat immunitas*, o Patriarca encontrou em Deus e na sua mensagem o escudo protector para combater os inimigos e aumentar os beneméritos da sua Ordem, dado que o Espírito Santo o tinha revestido de todas as preeminências da ave real<sup>47</sup>.

---

<sup>44</sup> A segunda excelência garantia a firme ligação da Ordem beneditina à Igreja Católica, mesmo no fim dos tempos; a quarta prometia o castigo dos inimigos se não se arrependessem; e a quinta a recompensa dos amigos da Congregação fundada por S. Bento.

<sup>45</sup> Segundo o enciclopedista, as pedras podem também significar a persistência do animal, que volta sempre ao local onde nidificou, tal como Cristo se manteve perto da sua Igreja. Por seu lado, o tratadista espanhol atribui aos minerais um papel coadjuvante na dilatação do corpo na altura de desovar (Cortés: 398). No *Livro das aves* (cap. 56) diz-se que os seixos servem para aguçar o bico.

<sup>46</sup> Para explicitar a empresa, Frei João recorda que a mesma matéria enforma toda a terra, embora a fertilidade dependa da influência dos astros; do mesmo modo se explica a igual natureza dos homens, que se distingue pela nobreza intrínseca ou pelo favorecimento da *fortuna*, como concluiu Aristóteles. De facto, a retórica do Estagirita fortalece a dissertação do orador, que evoca as particularidades geográficas e botânicas para comparar a excelência da águia, superior na valentia, no ânimo e no instinto. Conhecedor dos *Hieroglyphica* (1556) de Valeriano, o Cronista interpreta a acção das pedras Tites e Acates para afastar os ventos e as serpentes como uma prerrogativa divina que assegura a protecção da prole e sua longevidade.

<sup>47</sup> Note-se que o cronista beneditino recorre aos critérios estipulados por Nazianzeno e por Plínio ao analisarem os indícios de favorecimento divino, respectivamente, nos homens e nas águias. Conclui, assim, que S. Bento ostentou todas as insígnias de soberania características da ave de Júpiter, nomeadamente: as asas compostas, porque antecipou ao nascimento o canto de louvor a Deus; a coroa de santidade, porque foi alimentado ao peito da Virgem; o título de Atlante do céu, pelo vigor da sua profícua virtude; a vivência solitária nos cumes, pois cultivou o isolamento e a elevação face aos vícios; o ninho construído sobre o sangue de cordeiro imolado, por ter edificado

Edificantes versos da poesia de Virgílio e Petrarca, bem como esclarecidas passagens das páginas sagradas, suportam a argumentação figurativa com que Frei João apresenta o patrono como descendente e herdeiro dos Patriarcas e Profetas, título que o recompensa por ter transformado a virtude em obras e assim ter conquistado a imunidade divina para a sua prole, coroada com o louro do Espírito Santo<sup>48</sup>. No entanto, apesar de Deus ter apadrinhado o criador e a criação, isso não significa que não colocasse à prova os discípulos beneditinos, como adverte a empresa XIX, representativa da terceira excelência: “Que todos os que morressem em a sua Religião se salvariam”. Neste emblema, reencontramos a figura da águia, em terra, voltada para o Sol, mas desta vez acompanhada pelos filhotes, numa clara remissão para o seu costume de apurar o seu legítimo herdeiro, qual príncipe sagaz que perscruta os descendentes com o mesmo rigor da sua avaliação aos vassalos<sup>49</sup>.

Ora, esta imagem judicativa parece de certo modo contradizer o princípio cristão do amor universal. O orador, porém, pretende apenas salientar que, tal como Cristo, também S. Bento teve de escolher os seus apóstolos, por isso procurou conhecê-los antes de confiar neles e sujeitou-os à tentação para os distinguir dos heréticos que fraquejam perante a implacável luz divina. Esse escrutínio, feito de acordo com os preceitos estipulados pela regra monástica, colocava-os à prova para

---

a sua ordem sobre a penitência; e por fim, a protecção das pedras benfazejas, pois granjeou a misericórdia divina para a sua Ordem.

<sup>48</sup> Esta árvore, insensível à ira dos raios, acolheu a primeira ave de Zeus, daí ser símbolo de nobreza de origem, um argumento que salvou os homens ao longo da história, como alegam as *Crónicas*.

<sup>49</sup> Segundo a tradição lendária, legitimada por Aristóteles, a ave submete as crias ao exame solar para eleger o seu sucessor com prudência e justiça. Frei João dos Prazeres, invocando o mesmo princípio de que nem sempre os frutos reflectem a virtude do progenitor, defende que também essa qualidade manifestou o fundador da Regra. Através de lições colhidas na história da Humanidade, o orador mostra as vantagens do monarca que une esforços em vez de lutar e que evita acender revoltas com a injustiça, provando que o árbitro deve reconhecer o valor individual e tomar uma decisão consciente, à semelhança do que fez o Apóstolo dos monges em função da piedade, apanágio dos espíritos nobres.

que pudessem ser coroados de glória, tal como define a divisa *Probantur ut coronentur*<sup>50</sup>.

Da águia imitou o Príncipe a coragem face aos rivais, a elevação do voo, a liberalidade na repartição da presa, a perspicácia na vigília e a associação restrita aos seus pares. Mostrando-se “sublime no voo, universal na piedade, ostentoso na regalia, magnífico na liberalidade e valeroso nas batalhas” (p. 249), o Patriarca beneditino correspondeu ao perfil traçado na Regra, cujos raios iluminavam o carácter dos monges dignos de herdar o morgado celeste e entrar num templo isento de mácula. Deste modo, a virtude sublime do Legislador beneditino alcançou a universalidade, como a voz dos Querubins, não só pelo seu modelo de santidade, mas também pela liberalidade proverbial (*Si Benedictus non fuisset, Petrus mendicasset*). Além disso, revelou-se ostentoso na caridade e valente no exercício da penitência, satisfazendo os requisitos da aérea rainha e do Pai celeste<sup>51</sup>.

Também o advogado do *Príncipe dos Patriarcas* cumpriu diligentemente a sua missão, compondo uma obra que, apesar da forma exuberante, foi enriquecida pela erudição nos autores greco-latinos e solidamente fundamentada nos textos da Patrística e das Sagradas Escrituras, para além do recurso a autores coevos, no âmbito da poesia e da ciência, complementado pela consulta de documentos historiográficos e teológicos. Sem nunca menosprezar o contributo das vivências humanas, o ver-

---

<sup>50</sup> Frei João produziu um longo discurso, carregado de *exempla* históricos e enriquecido com uma dramatização da fala do Diabo diante da fuga das almas para prevenir que a garantia de salvação, afiançada por divina prodigalidade, não se resumia a morrer com o hábito. Pela técnica da repetição, o pregador amplia o efeito de lendas e milagres e hiperboliza o número dos monges que faziam parte do povo escolhido. Deste modo, tece um elogio que autoriza a carga emotiva do enunciado, marcado por interjeições e pormenores descritivos, de forma a enfatizar a eficácia selectiva e purgativa da Regra, desde que respeitada e praticada com verdadeira fé.

<sup>51</sup> No entanto, não deixa de ser irónico que os últimos anos de Frei João dos Prazeres tenham sido obscurecidos por uma profunda e doentia melancolia, uma vez que a Providência divina previa esse castigo para os professos que desrespeitassem as normas, ameaçando-os com a pena de expulsão ou perda de discernimento. O beneditino foi assim impossibilitado de terminar o último volume desta obra em que empregou servilmente a sua rebuscada expressão retórica, num “estilo algo túrgido e espalhafatoso”, em que desfilam metáforas e alegorias, antíteses e hipérboles, numa enxurrada vertiginosa de elementos maneiristas (Dias, 1979: 359).

sado orador articulou saberes e experiências, de forma a construir no seu discurso epidíctico um jogo de espelhos, em que os reflexos do príncipe, do religioso e do homem se reproduzem infinitamente, numa técnica muito cara à estética barroca<sup>52</sup>.

No que diz respeito ao universo ornitológico, recorde-se que a analogia com a capacidade regeneradora da Fénix e a afinidade com entrega abnegada do pelicano reforçam a identificação com Cristo, fundador da Igreja e salvador do seu povo, tal como S. Bento renovou as Ordens e se sacrificou em prol dos outros. Por outro lado, a comparação com o pavão salienta a condição humana do Santo que foi superada pela educação espiritual, ao mesmo tempo que o paralelismo com a garça, símbolo de elevação moral, exalta a supremacia do fundador das Ordens. Além disso, o símile da cegonha apresenta-o como exemplo de líder, de patriarca justo e misericordioso. Por fim, a metafórica ligação do bendito Legislador à águia recupera a estratégia de aproximação à biografia de Jesus, pela manifestação precoce do seu poder milagroso, pela total dedicação à missão divina, pela postura protectora em relação ao próximo e pela criteriosa metodologia de selecção do povo de Deus.

Partindo desta amostra, torna-se evidente que o cronista português soube usar a linguagem ilustrada para potenciar o extraordinário alcance simbólico das aves, bem conhecido pelos eruditos, mas universalmente entendido pelos mais simples, que se limitavam a observar a natureza<sup>53</sup>. Esta constatação a propósito do primeiro livro de emblemas português a utilizar a estrutura tripartida (*inscriptio, pictura, subscriptio*) vem de alguma forma contrariar a avaliação da emblemática lusitana como fenómeno de qualidade “far from exceptional” (Amaral, 2008: 2), convidando os investigadores a conhecer melhor a notável recriação reciclada que

---

<sup>52</sup> Aliás, os censores coevos, entre eles, Frei Jerónimo de Santiago, cujo testemunho se lê nas Licenças iniciais da obra, consideraram-na plena de “estremadas rezões de estado para Príncipes, de novas políticas para os grandes, de selectos conceitos para os Pregadores, de humanidades para os Historiadores, e finalmente de sólida doutrina para todos”.

<sup>53</sup> Cf. prólogo do *Livro das aves*: “Com efeito, o que a Escritura indica aos mais sabedores indicará a pintura aos mais simples: tal como o sabedor se deleita com a subtilidade da escrita, também o espírito dos simples é atraído pela simplicidade da pintura”.

Frei João dos Prazeres propõe para o material simbólico já consagrado pela tradição.

Daí que a obra inicialmente gizada para legitimar a supremacia do Patriarca beneditino proponha um inesgotável desafio interpretativo aos leitores motivados a descodificar a teia semântica deste monumento de homenagem ao patrono da Europa, porque o que se descobre, afinal, é uma porta aberta para o labirinto de sentidos da estética barroca. Esse é, de resto, um verdadeiro universo por desvendar no que toca ao contexto português, o que se torna particularmente interessante pelo contraste que impõe entre uma cultura acostuada a explorar as imagens através da dimensão alegórica das palavras e a sociedade actual, habituada a explorar as imagens apenas em função do valor simbólico dos números.

## **Bibliografia**

- ALBUQUERQUE, Martim de (2001). Simbolismo e ideário político em Portugal no séc. XVII: notas a propósito de Fr. João dos Prazeres, o príncipe dos patriarcas e o abecedário. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*, vol. 42, nº 2: 1763-1792.
- AMARAL Jr., Rubem (2008). Portuguese emblematics: an Overview. Em: Luís Gomes (ed.), *Mosaics of Meaning Studies. Portuguese Emblematics*, Glasgow: Glasgow Emblem Studies, Volumen 13: 1-20.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1994). *Dicionário dos símbolos*, traduzido por Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Editorial Teorema.
- CIRLOT, Juan-Eduardo (1981). *Diccionario de símbolos*, Barcelona: Editorial Labor S.A.
- CORTÉS, J. (1672). *Tratado de los animales terrestres y voláteis y sus propiedades*, Valencia: Imprenta de Benito Macê.
- DIAS, Geraldo Coelho (1979). Frei João dos Prazeres, O.S.B., A polémica monástica e a literatura emblemática. *Revista de História*, 2: 351-364.
- DIAS, Geraldo Coelho (1993). O Mosteiro de Tibães e a reforma dos beneditinos portugueses no séc. XVI. *Revista de História*, 12: 95-133.

- GARCÍA ARRANZ, José Júlio (1996). *Ornitología emblemática. Las aves en la literatura simbólica lustrada en Europa durante los siglos XVI y XVII*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- GREEN, Henry (1872). *Andrea Alciati and his books of emblems: a biographical and bibliographical study*. Londres: Trübner.
- HUGO DE FOLIETO (1999). *Livro das aves*. Ed. M. I. Rebelo Gonçalves. Lisboa: Colibri.
- LANDWEHR, John (1976). *French, Italian, Spanish and Portuguese Books of Devices and Emblems 1534-1827. A Bibliography*. (Bibliotheca Emblematica VI). Utrecht: Haentjens Dekker & Gumbert.
- LEITE, Solidónio (1914). *Clássicos esquecidos*. Rio de Janeiro: J. R. dos Santos. 147-157.
- MACHADO, Barbosa (1933). *Bibliotheca Lusitana*. Tomo II. Lisboa: Bertrand (1ª edição, Na officina de Ignacio Rodrigues, 1747).
- MORUJÃO, Isabel (2010). “Emblemas e Problemas em *Aves ilustradas em avisos*”. Em Ignacio Arellano e Ana Martínez Pereira (eds.), *Emblemática y religión en la Península Ibérica (Siglo de Oro)*. Madrid: Universidad de Navarra, Iberoamericana-Vervuert. 283-301.
- PICINELLO, Philippo (1695). *Mundus symbolicus in emblematum uniuersitate formatus, explicatus... , in latinum traductus a R. D. Augustino Erath*. Coloniae Agrippinae: Iohannis Theodori Boetii (1ª edição. Venetia, Presso Combi & La Noù, 1670).
- PRIETO, M. Helena Ureña (1988). A emblemática de Alciato em Portugal no século XVI. Em: *O Humanismo Português (1500-1600). Primeiro Simpósio Nacional*. Lisboa, 21-25 de Outubro de 1985, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa. 435-461.
- SILVA, Inocência Francisco da (1860 e 1883). *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomos IV e X. Lisboa: Imprensa Nacional.





## COMISSÃO CIENTÍFICA PARA O X CONGRESSO DA AIL

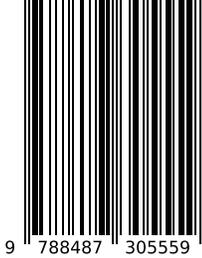
<b>Instituição</b>	<b>Nome</b>
Universidade de Lisboa	Alberto Carvalho
Universidade do Algarve	Ana Carvalho
Universidade do Algarve	Ana Clara Santos
Universidade de Lisboa	Ana Mafalda Leite
Universidade Estadual de Santa Cruz	André Mitidieri
Universidade de Varsóvia	Anna Kalewska
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Annabela Rita
Universidade do Algarve	Artur Henrique Gonçalves
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Beata Cieszyńska
Universidade de São Paulo	Benjamin Abdala Junior
Universidade Católica	Cândido Oliveira Martins
Universidade do Algarve	Carina Infante do Carmo
Universidade de Santiago de Compostela	Carmen Villarino
Universidade de Colónia	Claudius Armbruster
Universidade de Coimbra	Cristina Robalo Cordeiro
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Fernando Cristóvão
King's College London	Hélder Macedo
Universidade da Madeira	Helena Rebelo
Universidade de São Paulo	Hélio Guimarães
Universidade de São Paulo	Ieda Maria Alves
Universidade do Porto	Isabel Pires Lima
Universidade do Algarve	João Carvalho

Universidade do Algarve	João Minhoto Marques
Universidade do Algarve	Jorge Baptista
Universidade de Lisboa	José Camões
Universidade do Algarve	José Dias Marques
Universidade de Lisboa - CLEPUL	José Eduardo Franco
Universidade Estadual do Rio de Janeiro	José Luís Jobim
Universidade Federal Fluminense	Laura Padilha
Universidade Federal de Minas Gerais	Letícia Malard
Universidade Federal Fluminense	Lucia Helena
Universidade do Algarve	Lucília Chacoto
Universidade do Algarve	Manuel Célio Conceição
Universidade Federal de Rio Grande do Sul	Márcia da Glória Bordini
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Maria José Craveiro
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Miguel Real
Universidade de São Paulo	Mirella Vieira Lima
Universidade do Algarve	Mirian Tavares
Brown University	Onésimo Almeida
Universidade do Algarve	Petar Petrov
Universidade de Coimbra	José Pires Laranjeira
Universidade de Santiago de Compostela	Raquel Bello Vázquez
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Regina Zilberman
Universidade de Coimbra	Sebastião Pinho
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Teresa Cerdeira
Universidade Nova de Lisboa	Teresa Lino
University of Oxford	Thomas Earle





Este livro da  
Associação Internacional de Lusitanistas  
acabou-se de imprimir nas oficinas que a  
Sacauntos Cooperativa Gráfica  
tem na cidade de Compostela,  
Galiza,  
o dia 2 de abril de 2012.



9 788487 305559

## Avanços em...

Literatura e Cultura Portuguesas. Da Idade Média ao século XIX

Literatura e Cultura Portuguesas. De Eça de Queirós a Fernando Pessoa

Literatura e Cultura Portuguesas. Século XX. Vol. 1

Literatura e Cultura Portuguesas. Século XX. Vol. 2

Literatura e Cultura Portuguesas. Século XX. Vol. 3

Literatura e Cultura Brasileiras. Séculos XV a XIX

Literatura e Cultura Brasileiras. Século XX. Vol.1

Literatura e Cultura Brasileiras. Século XX. Vol. 2

Literaturas e Culturas Africanas e em Literatura e Cultura Galegas

Comparatismo nas Lusofonias

Ciências da Linguagem

[www.lusitanistasail.net](http://www.lusitanistasail.net)



AIL

FCT  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IC  
INSTITUTO  
CARMÕES  
PROFESSORAL



FUNDAÇÃO  
CALOESTE  
QUEBENSAN



CLEPUL  
CENTRO DE LINGUÍSTICA E LINGÜÍSTICA DE PORTUGUÊS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

INCM  
INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS



FARO